



Livro-reportagem “Guardiões da Memória: Lembranças de Congados”¹

Felipe Luchete de OLIVEIRA²

Kátia de Lourdes FRAGA³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

O livro-reportagem *Guardiões da Memória: Lembranças de Congados* conta momentos da vida de personagens do Congado, oriundos de localidades da região circunvizinha de Viçosa (MG): Seu Dola, Seu Zeca, Seu Chiquito, Seu Zizinho e Dona Quininha. As falas desses senhores carregam saberes ancestrais, elementos identitários da cultura negra, relações com o sagrado, vivências alegres e experiências de sofrimento. São memórias que preservam e constroem cultura. As características do livro-reportagem possibilitam ao jornalista compreender e retratar de modo mais adequado os conhecimentos da cultura popular. Podem, assim, auxiliar o registro e a valorização desses saberes, frente à dinâmica da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: congado; cultura; jornalismo; livro-reportagem; memória.

1. INTRODUÇÃO

Na região circunvizinha de Viçosa⁴, na Zona da Mata mineira, o Congado caracteriza-se por ser uma das práticas culturais populares mais presentes. Composta de autos e danças dramáticas, coroação de reis e rainhas, embaixadas, atos litúrgicos e banquetes coletivos, a manifestação apresenta rica variedade de signos e símbolos. Funde reminiscências africanas e o dogma cristão, em uma complexa estrutura formada por hierarquia entre os membros e contando com instrumentos, adereços e vestes específicas, entre outros elementos.

Os irmãos Geraldo Augusto Virgílio e José da Paixão Virgílio responsabilizam-se pela realização da festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, no distrito de São José do Triunfo, situado em Viçosa. Rei congo e capitão da guarda, respectivamente, lideram a banda de Congado e sabem cantigas, embaixadas, histórias e mitos ensinados oralmente pelo pai, pelo avô e por outros mestres já falecidos. São muito respeitados na comunidade, não somente nos dias de festejo. Conhecidos pelos apelidos de Seu Dola e Seu

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso).

² Estudante do 8º semestre do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV, durante o processo de elaboração do livro. e-mail: felipeluchete@yahoo.com.br

³ Orientadora. Professora de Radiojornalismo e Coordenadora de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV); mestre em Comunicação, Imagem e Informação pela Universidade Federal Fluminense – PPGCOM/UFF; Jornalista formada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). e-mail: katiiafraga@ufv.br.

⁴ A cidade de Viçosa localiza-se a 225 quilômetros de Belo Horizonte.



Zeca, ambos têm mais de 70 anos, e mesmo com a idade avançada (talvez até por esse motivo) guardam muitos ensinamentos na memória, assim como experiências de fé, sofrimento e alegrias vivenciados desde a infância.

Seu Dola e Seu Zeca, assim como outros líderes existentes na região, exercem o papel social de *Guardiões da Memória*, segundo conceito formulado pela pesquisadora Olga Von Simson (2000): são responsáveis por centralizar os conhecimentos da tradição e transmiti-los aos mais jovens. Como bibliotecas vivas, preservam os saberes dos ancestrais e possibilitam a continuidade do Congado nas localidades onde moram. Suas recordações individuais auxiliam na formação da memória coletiva de suas comunidades. As formas de expressão popular, afinal, são meios de representação das próprias comunidades, e

estão impregnadas não só por misticismos, mas também por formas de sobrevivências, de lutas; refletem situações concretas, (...) estão entremeadas no cotidiano (...) antes de serem representações religiosas, estéticas e mesmo imagéticas de uma época, as práticas culturais foram ou são parte de um mundo real em que, ao se produzir relações sociais de produção também se constroem, ao mesmo tempo, cultura (MACHADO, 2007, p. 2-3).

As manifestações tradicionais e as narrativas orais dos Guardiões da Memória reafirmam os valores do grupo e mantêm a sensação de pertencimento aos seus indivíduos. Reforçam ciclicamente identidades individuais e coletivas, estabelecendo o conjunto de idéias, valores e conhecimentos a serem compartilhados pela comunidade. No Congado e em tantos outros folguedos brasileiros, “as pessoas parece que estão se divertindo, mas fazem isso para não esquecer quem são” (BRANDÃO, 1984, p. 10). A cada festa, a cultura local é (re)significada; a cada passo e a cada música, os participantes cultivam a memória – entendida aqui não como mera recordação de fatos, e sim como um fenômeno social e indispensável para a produção de cultura. Porque o homem lembra não apenas para repetir o passado, mas para cultivar referências para o presente e projetar o futuro.

Os meios de comunicação, quando retratam tais folguedos, geralmente os reduzem a uma mera apresentação no espaço público ou um acontecimento exótico que despertou a atenção das pessoas. Diante da atividade jornalística realizada nas redações atualmente, cujo conceito de notícia comumente se restringe ao acontecimento factual, com um *deadline*⁵ que impossibilita uma apuração mais aprofundada e regras de padronização do texto ditadas pelos manuais de redação, o livro-reportagem torna-se o meio mais adequado

⁵ Prazo final para entrega da matéria, no jargão jornalístico.



para representar a cultura popular⁶. Esse “veículo de comunicação impressa não-periódico”, segundo Edvaldo Pereira Lima, “apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (2004, p. 26). Com a obra *Guardiões da Memória: Lembranças de Congados*, projeto experimental de conclusão de curso do autor, procuramos utilizar características do suporte para ouvir e contar momentos da vida de Seu Dola, de Seu Zeca e de outros três Guardiões da região. Memórias que preservam o Congado e revelam muitos aspectos da história regional e brasileira.

2. OBJETIVO

O livro-reportagem *Guardiões da Memória: Lembranças de Congados* tem como objetivo geral registrar um patrimônio cultural imaterial⁷ existente na região circunvizinha de Viçosa, a partir das lembranças dos seguintes congadeiros: Maria Theodora da Silva, conhecida como Dona Quininha, de Ponte Nova; Geraldo Augusto Virgílio, o Seu Dola, e José da Paixão Virgílio, o Seu Zeca, ambos de São José do Triunfo; Francisco de Souza, o Seu Chiquito, de Cachoeirinha, e Sebastião Ambrósio Jerônimo, o Seu Zizinho, de Paula Cândido. Procura-se apresentar os personagens como detentores de uma rica sabedoria, com a proposta de contribuir com a valorização – local e acadêmica – dos próprios congadeiros e da manifestação a qual representam.

3. JUSTIFICATIVA

Os conhecimentos da tradição oral, como os que fundamentam o Congado, enfrentam as mudanças intensas da sociedade contemporânea, que promove novas combinações de espaço-tempo e o processo de “reorganização da experiência, na medida em que as relações sociais fundadas no contato direto até então, passam a ser substituídas pela mediação tecnológica” (PICCININ, 2006). Nesse mundo de *megabytes*, conforme define Felipe Pena, “nunca foi tão fácil armazenar memória. Entretanto, a amnésia nunca esteve tão presente. O excesso de informação convive com o esquecimento imediato” (2006, p. 73).

⁶ O conceito de cultura popular apresenta interpretações variadas. No presente trabalho, consideramos como “uma das maneiras possíveis de representação que pessoas, classes ou segmentos sociais utilizam para expressar suas experiências e vivências” (MACHADO, 2007, p. 2). Como define Lara Linhalis Guimarães, “da cultura popular fazem parte objetos ou práticas que são compartilhados em seus significados pelas classes sociais excluídas do bloco do poder em determinado momento histórico e situação social” (2006, p. 23).

⁷ De acordo com a classificação da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), patrimônio cultural imaterial ou intangível “compreende as expressões de vida e tradições que comunidade, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes”.

Essa amnésia presente e imediata constitui o principal fator da sociedade do esquecimento, caracterizada, segundo Olga Von Simson (2000), pelo ritmo acelerado do meio urbano, além da já referida quantidade avassaladora de informações, proporcionada pelos avanços tecnológicos. A consequência dessa dinâmica seria uma sociedade marcada pela ausência da capacidade de selecionar fatos e vivências para serem lembradas; pela perda do poder de filtrar e escolher o que deve ser preservado ou descartado.

Nas transformações contemporâneas ou pós-modernas, muitos pesquisadores preocupam-se com a possibilidade das manifestações tradicionais se extinguirem. Embora não concordemos com visão tão drástica, acreditamos na necessidade de desenvolver estratégias para que tradição e contemporaneidade coexistam. O registro da memória em suportes tangíveis pode ser um importante aliado nesse processo. Não como substituto da oralidade, mas uma ferramenta complementar para a perpetuação a gerações seguintes. O uso de recursos tecnológicos também pode contribuir, atraindo o interesse dos mais jovens, por exemplo. E é possível utilizar o livro-reportagem, produto oriundo da modernidade, para materializar as heranças de manifestações populares.

“Associar a produção jornalística à memória, à história, parece contraditório, considerando-se que a matéria do jornalismo é o novo, o que acaba de acontecer” (PEREIRA, 2007, p. 78). Podemos, porém, considerar o conceito de atualidade de forma mais ampla. Lima prefere usar o termo contemporaneidade, afirmando que o livro-reportagem, ao tratar o tempo de modo elástico, oferece a compreensão do factual através de uma análise do contexto histórico, dos efeitos, dos desdobramentos, de causas e consequências (2004, p. 30-1). A memória, portanto, por permear nossas relações sociais contemporâneas, pode ser tratada como notícia.

O livro-reportagem possui características favoráveis ao trabalho com a memória e a cultura popular. Difere-se da produção jornalística como texto urgente. Permite um tempo de convivência com o entrevistado, um entendimento do contexto do assunto e uma preocupação com a narrativa significativamente superiores à rotina do jornalismo cotidiano. Preenche “vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet (...)” (LIMA, 2004, p. 4). Completa Belo:

O estilo do escritor-jornalista muitas vezes se vê sufocado pelas exigências de tempo, espaço e manuais de estilo das redações em que trabalha. No livro, o texto ganha contornos amplos: permite uma concepção mais literária, dá margem a diferentes construções, quase sempre impraticáveis em um jornal ou uma revista (...) Não é à toa que o livro-reportagem tem sido praticamente o único meio de se exercer, no Brasil, o jornalismo literário, gênero em que a experimentação é



possível e em que forma e conteúdo gozam de igual importância (BELO, 2006, p. 119).

No jornalismo literário⁸, outros recursos são possíveis:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária (...) Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, propiciar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead⁹, evitar os definidores primários¹⁰ e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13).

Ao defender as potencialidades do suporte, reconhecemos que este não determina o conteúdo. As singularidades do livro-reportagem, todavia, ampliam as possibilidades do jornalista captar diálogos e expressões faciais, observar detalhes de ambientes, relacionar passado e presente, ampliar a visão da realidade, conquistar o leitor e promover a cidadania. Dessa forma, justifica-se a escolha de um livro-reportagem para a proposta de retratar a herança identitária que se incorpora nas falas de Dona Quininha, de Seu Dola, de Seu Zeca, de Seu Chiquito e de Seu Zizinho. Herança que, ao invés de negar as mudanças contemporâneas, pode apropriar-se de alguns recursos modernos para se perpetuar.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo de realização do livro-reportagem esteve vinculado às atividades e pesquisas do Gengibre – Programa Interdisciplinar sobre Cultura Popular, da Universidade Federal de Viçosa, e foi composto de duas etapas principais: pesquisa/apuração do tema e edição do material coletado. Cada momento apresentou atividades variadas, descritas nos parágrafos seguintes. Cabe ressaltar que, apesar das classificações, tais momentos foram muitas vezes desenvolvidos paralelamente, sem divisões rígidas.

4.1. Pesquisa e apuração

A primeira fase compreendeu a captação do material, por meio da metodologia de pesquisa e de entrevistas. O processo incluiu a revisão bibliográfica de assuntos

⁸ Há divergências no Brasil para a classificação do conceito de jornalismo literário (e até de sua existência). Utilizamos a definição dos professores Celso Falaschi, Edvaldo Pereira Lima, Rodrigo Stucchi e Sergio Vilas Boas, da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, disponível no site Texto Vivo: “obras impressas ou audiovisuais que combinem o vigor da pesquisa com a arte de contar uma história verdadeira, com personagens reais, lugares reais, situações reais”, onde se insere o livro-reportagem.

⁹ Parágrafo inicial da matéria jornalística com a característica de expor logo no começo do texto um resumo do fato noticiado. Responde às perguntas básicas: o quê, quem, como, onde, quando e por quê (PENA, 2006, p. 42).

¹⁰ Fontes recorrentes nos meios de comunicação, como autoridades e especialistas famosos usualmente entrevistados (PENA, 2006, p. 22).

relacionados ao tema, perpassando o estudo de conceitos teóricos, a leitura de livros-reportagem e a análise de projetos experimentais em jornalismo. Os representantes do Congado retratados no livro foram previamente contatados e informados sobre os objetivos da pesquisa. O trabalho prosseguiu após a aceitação dos cinco convidados.

Antes das primeiras abordagens, houve a preocupação em estudar textos das áreas de Antropologia, Comunicação e História Oral. Esse embasamento teórico foi fundamental para a definição de modos como as comunidades seriam abordadas. Afinal, compreendemos que o jornalista não deve encarar sua presença em tais comunidades da mesma forma como atuaria na cobertura de um evento, por exemplo. No primeiro caso, é muito importante vivenciar o contexto no qual ele se insere, conhecer as pessoas, ouvi-las, aceitar um café e nem sempre se preocupar em fazer perguntas objetivas, pontuais.

Adotamos a princípio a técnica da liberdade, conforme denominação de Roger Bastide, caracterizada por “permitir ao pesquisado contar a sua própria vida, ao acaso das lembranças, sem procurar retê-lo ou dirigi-lo” (KOSMINSKY, 1984, p. 31). A partir da decupagem e da análise dessas primeiras conversas, realizadas nas residências dos entrevistados, foi possível delimitar os assuntos abordados para as intervenções seguintes.

As entrevistas, realizadas pelo autor do livro, foram registradas em suporte escrito e audiovisual. O gravador e o bloco de anotações serviram como instrumento de registro em todas as conversas e, em algumas ocasiões, houve gravações em vídeo. Além dos personagens retratados no livro, o autor entrevistou pessoas que convivem com cada um deles: filhos, esposas, amigos. Também foi imprescindível a pesquisa de documentos oficiais, livros, matérias de jornais, folhetos, fotografias, vídeos. Alguns materiais foram disponibilizados pelos próprios entrevistados, outros foram encontrados após horas de consulta em bibliotecas, nos arquivos de jornais de Viçosa e em sites da Internet.

Outra preocupação ao longo da primeira fase foi com as fotografias que iriam compor a obra, por considerarmos as imagens extremamente importantes para a narrativa. Fotografamos cenas de festas, de entrevistas e de cenários das comunidades, tivemos a contribuição dos entrevistados com parte de seus arquivos pessoais e contatamos outros possíveis colaboradores para compor nosso acervo.

4.2. Edição

O passo seguinte consistiu na organização do material coletado, incluindo a decupagem integral das entrevistas. Dessa forma, pudemos analisar e selecionar as histórias, as imagens, os dados e as descrições que seriam narrados no livro-reportagem,



iniciando o processo de redação dos capítulos. Embora a prática do jornalismo literário permita ao escritor maior liberdade na narrativa, utilizamos técnicas de edição apontadas por Belo, Lima e Pena. No caso do primeiro autor, optamos por não usar o padrão acadêmico de notas bibliográficas (BELO, 2006, p. 95) e procuramos incluir na escrita, quando possível, as cinco características do *new journalism*¹¹ descritas por ele: reconstituir os fatos minuciosamente; descrever cena por cena; reconstituir ambientes e épocas; evitar menção das fontes no corpo do texto e evitar passagens abruptas (2006, p. 122-3).

Apesar de seguirmos uma linha cronológica para contar a trajetória dos personagens, não nos prendemos à mesma, baseados nas afirmações de Lima:

o homem inventou o cinema e o jornalismo impresso moderno apoderou-se dos cortes de tempo e espaço, das inversões da lógica convencional para justapor, avançar célere em flash-forward antecipando o tempo, recuar em corte para o passado em flash-back, para resgatar o que já foi (2004, p. 167).

Como se trata de uma obra jornalística, ou seja, de não-ficção, todas as afirmações presentes no livro foram inseridas após declaração de pelo menos um dos entrevistados, consulta a uma ou mais fontes documentais e/ou observação do autor. Quando determinado depoimento nos deixou com dúvidas, refizemos a pergunta em ocasiões posteriores (em alguns casos para outras pessoas). Nas poucas situações em que as informações se contradisseram, usamos as que constavam em registros escritos, como documentos oficiais, ou as quais julgamos mais coerentes. Segundo Pena, o jornalismo literário não se baseia na veracidade, mas na verossimilhança, na mimetização da realidade. Essa mimetização não é sinônimo de invenção, e sim de uma “representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos” (2006, p. 103).

Durante o processo de redação dos capítulos, tivemos o apoio de dois revisores. Com o texto pronto e revisado, somado às imagens selecionadas durante a etapa de edição do material, o livro foi diagramado e impresso. Entregamos cópias do livro aos cinco entrevistados, e planejamos obter recursos financeiros para disponibilizá-lo a comunidades da região de Viçosa e bibliotecas públicas. Para que a sabedoria e a história dos Guardiões da Memória não fiquem somente registradas em um projeto de conclusão de curso, como também sejam conhecidas e reconhecidas.

¹¹ Movimento originado em meados da década de 1960, nos Estados Unidos, resultado da insatisfação de jornalistas em relação às regras de objetividade. Destacam-se Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe.



5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro-reportagem *Guardiões da Memória: Lembranças de Congados* é composto de cinco capítulos. O primeiro, *Encruzilhadas*, contextualiza o leitor a respeito de questões consideradas pilares para a compreensão dos temas tratados ao longo da obra. O segundo, intitulado *Homens Direitos*, conta a trajetória de Seu Dola e Seu Zeca, de São José do Triunfo (distrito de Viçosa). *Sempre Majestade* tem como protagonista Seu Chiquito, rei do meio em Cachoeira de Santa Cruz (distrito de Viçosa), e *De Olho no Futuro* narra momentos da vida do rei congo de Paula Cândido, Seu Zizinho. *Sonhos de Menina*, o último capítulo, é sobre Dona Quininha, de Ponte Nova.

Entre os assuntos abordados no primeiro capítulo – a importância da manifestação para o reconhecimento identitário negro; a economia e a povoação da Zona da Mata mineira; a coexistência entre tradição e contemporaneidade e a definição do termo Guardiões da Memória – apresenta-se o conceito de cultura das encruzilhadas, de Leda Maria Martins (1997, p. 26), segundo o qual a cultura negra é fruto de interseções, confluências, desvios e relações entre as memórias africanas e outros códigos e sistemas simbólicos. Este conceito norteia toda a narrativa do livro: as histórias contadas nos cinco capítulos relacionam-se em muitos momentos, apresentando características comuns entre os personagens retratados, como se o leitor chegasse a encruzilhadas no meio do caminho.

O primeiro capítulo narra a situação de um escravo que acredita estar próximo da morte, mito fundacional das origens do Congado. No final do livro, a estória é citada novamente. A opção por esse retorno ao início procura representar a perspectiva cíclica do tempo na cultura popular:

O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor. Tempo sazonal, tempo do lavrador, marcado pelas águas e pela seca. Tempo lunar: tempo das marés, tempo menstrual. Tempo do ciclo agrário, da sementeira à ceifa, com a pausa necessária ao repouso da terra. Tempo do ciclo animal: do cio ao acoplamento, da gestação ao parto, da criação ao abate ou à nova reprodução (BOSI, 1999, p. 11).

Apresentamos abaixo demais dados do livro-reportagem:

- Número de páginas: 209;
- Formato: 17 cm x 23,5 cm;
- Capa e quarta capa: colorida, papel cartão;
- Ilustrações: Papel vegetal, gramatura 90g, colorido;



- Início de cada capítulo: Título - Papel vegetal, gramatura 90g; Imagem - Papel sulfite 90g, colorido;
- Páginas: Papel sulfite 75g.

6. CONSIDERAÇÕES

Desde abril, quando tiveram início as entrevistas, até novembro, com a conclusão da obra, o autor do livro foi recebido com um sorriso no rosto em todas as visitas aos Guardiões da Memória. Eles contaram suas histórias em encontros informais; muitas vezes ofereceram café, pão, broa, refrigerante, almoço, jantar; explicaram detalhes pacientemente; não se incomodaram com as constantes visitas e perguntas. Nas intervenções com a comunidade, o autor procurou tratá-los com o mesmo respeito e a mesma simpatia. Durante as entrevistas ou conversas, não tentou assumir um papel de “neutralidade”, como um pesquisador que apenas analisa externamente o objeto de estudo. Por outro lado, não tentou inserir-se artificialmente no contexto da comunidade. O estudante-repórter comportou-se de modo sincero, deixando clara sua intenção e procurando compartilhar saberes.

Nas festas das quatro localidades, nos deparamos com tanta fartura, com tanta alegria, com tanta devoção! O movimento dos corpos, o balanço das fitas, o som das caixas e das fortes vozes, o céu todo estrelado, a emoção dos reis... Tentar descrever a riqueza dos signos e símbolos da tradição foi uma das tarefas mais difíceis na composição do livro. Em vários momentos o autor ficou emocionado, envolvido com as imagens das festas. O mesmo aconteceu ao pensar em Seu Zeca, usando calça rasgada para ir à escola; em Seu Dola, deixando de estudar e sofrendo vários acidentes; em Dona Quininha, preocupada ao ver o filho com problema nos olhos; em Seu Chiquito, enterrando o próprio filho.

Emocionante também foi deparar-se com o livro finalizado, após meses de trabalho. Concretizamos a nossa crença inicial: a possibilidade de produzir, por meio do livro-reportagem, um jornalismo humano, sensível, demonstrando que o autor está presente, apontando suas marcas e registrando histórias. Os Guardiões da Memória mostraram-se satisfeitos ao verem o livro pronto, com suas fotos, seus nomes, suas origens. Esperamos, assim, retribuir o carinho de cada um deles e das quatro comunidades participantes de todo o processo. Também esperamos contribuir com a valorização desses senhores e a perpetuação da cultura e da memória nas comunidades de Cachoeira de Santa Cruz, Paula Cândido, Ponte Nova e São José do Triunfo. Para que tradição e contemporaneidade não sejam paradoxos, mas convivam e se relacionem.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁVILA, C.C.O. **Itinerâncias e inter-heranças: do ritual do Congado da Zona da Mata mineira ao processo de criação da performance em dança contemporânea.** Dissertação (Mestrado em Artes). Campinas, 2007. Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- BELO, E. **Livro-reportagem.** São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação).
- BOSI, A. (Org.) Plural, mas não caótico. In: ———. **Cultura Brasileira: temas e situações.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 7-15.
- BRANDÃO, C.R. **O que é folclore.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).
- GUIMARÃES, L.L. **Reflexões sobre o Congado na série “Identidade Brasil”, do Jornal Nacional, Rede Globo de Televisão.** Monografia (Conclusão do curso de graduação em Comunicação Social/ Jornalismo). Viçosa, 2006. Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa (UFV).
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KOSMINSKY, E. Pesquisas qualitativas: a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. **Ciência e Cultura**, volume 38, número 01, p. 30-36, janeiro de 1986.
- LIMA, E.P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Barueri: Manole, 2004.
- MACHADO, M.C.T. **Ainda se benze em Minas Gerais.** Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Maria%20ClaraTomaz%20Machado.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2008.
- MARTINS, L.M. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário de Jatobá.** São Paulo: Perspectiva. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. (Coleção Perspectivas).
- PENA, F. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação).
- . **Teoria do jornalismo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação).
- PEREIRA, T.A.C. **Mídia e cultura: discursos que constroem memória.** Santos: Comunicar Editora, 2007.
- PICCININ, F. **Mídias e pós-modernidade: reorganizando as interações sociais tradicionais.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt16/gt16b5.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2006.
- REVISTA DE CULTURA E EXTENSÃO – USP. **Entrevista: Professor Alfredo Bosi.** Número 0, julho-dezembro de 2005. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. Disponível em: <<http://www.usp.br/prc/revista/entrevista.html>>. Acesso em: 07 nov. 2007.
- TEXTO VIVO – NARRATIVAS DA VIDA REAL. **Oxigênio para a realidade.** <<http://www.textovivo.com.br/release.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2008.
- UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Patrimônio cultural imaterial.** Disponível em: <http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimonioimaterial/patrimimaterial/mostra_documento>. Acesso em: 26 nov. 2007.
- VON SIMSON, O.R.M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. In: FARIA FILHO, L.M. (Org). **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação.** São Paulo: Autores Associados, 2000. Disponível em: <<http://lite.fae.unicamp.br/revista/vonsimson.html>>. Acesso em: 10 ago. 2008.
- WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.